

OS SETE DONS DO ESPÍRITO SANTO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Boaventura, Santo, 1221-1274

Os sete dons do Espírito Santo / São Boaventura ; tradução de Hugo Cleiton da Silva Cavalcante, Jurandir Ferreira Dias Júnior. - São Paulo : Paulus, 2025.
(Coleção Clássicos de espiritualidade)

ISBN 978-85-349-5799-1

Título original: Collationes de septem donis Spiritus Sancti

1. Dons do Espírito Santo I. Título II. Cavalcante, Hugo Cleiton da Silva III. Dias Júnior, Jurandir Ferreira IV. Série

25-3303

CDD 231.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Dons do Espírito Santo

SÃO BOAVENTURA

OS SETE DONS
DO ESPÍRITO SANTO

Tradução

Dom Hugo Cleiton da Silva Cavalcante
Pe. Jurandir Ferreira Dias Júnior



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Collationes de septem donis Spiritus Sancti. Tractatus de praeparatione ad missam*

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zugeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Luiz Henrique Ribeiro Lima

Carlos Antônio S. Maia

André Odashima

Revisão técnica

Matheus F. F. Cruz

Design

Julia Ahmed

Imagen de capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1^a edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Telenvendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5799-1

ÍNDICE

7 APRESENTAÇÃO

13 CONFERÊNCIA I

Tratado preliminar sobre a graça,
segundo sua origem, seu uso e seu fruto

25 CONFERÊNCIA II

Sobre o dom do temor do Senhor

43 CONFERÊNCIA III

Sobre o dom da piedade

57 CONFERÊNCIA IV

Sobre o dom da ciência

73 CONFERÊNCIA V

Sobre o dom da fortaleza (primeira conferência)

85 CONFERÊNCIA VI

Sobre o dom da fortaleza (segunda conferência)

101 CONFERÊNCIA VII

Sobre o dom do conselho

115 CONFERÊNCIA VIII

Sobre o dom do entendimento

129 CONFERÊNCIA IX

Sobre o dom da sabedoria

APRESENTAÇÃO

TIAGO JOSÉ RISI LEME

1) Vida e legado de São Boaventura

O nome de batismo de São Boaventura era Giovanni di Fidanza, mesmo nome de seu pai; sua mãe, por sua vez, chamaava-se Rita (ou Ritella). Nasceu em Bagnoregio, na região do Lácio (Itália), próximo a Roma, entre os anos de 1217 e 1221, não se sabe ao certo. Quando criança, teve uma grave enfermidade, da qual foi curado milagrosamente. Em sua catequese sobre São Boaventura, o papa Bento XVI acenou a esse fato, que marcou substancialmente a vida do santo doutor franciscano: “Tinha sido atingido por uma grave doença e nem sequer o seu pai, que era médico, esperava salvá-lo da morte. Então, sua mãe recorreu à intercessão de São Francisco de Assis, que tinha sido canonizado havia pouco tempo. E João ficou curado” (BENTO XVI).¹

Iniciou seus estudos com os Franciscanos. Em 1235, mudou-se para Paris, para estudar na Faculdade de Artes, na qual se formou por volta de 1243, ano em que iniciou seus estudos de Teologia e ingressou na Ordem dos Frades Menores, escolhendo o nome de Boaventura. Depois de concluir a Teologia, em 1248, começou a lecionar na Universidade como bacharel em Teologia. Em 1253, obteve a *licentia docendi* (licenciatura), defendendo uma tese sobre o conhecimento de Cristo, intitulada *Quaestiones disputatae de scientia Christi*. Posteriormente, tornou-se professor de Teologia junto aos Franciscanos, sem poder ocupar livremente

¹ Papa Bento XVI, Audiência Geral, Quarta-feira, 3 de março de 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi-aud_20100303.html. Consulta em: 14 jul. 2025.

a cátedra de Teologia na Universidade de Paris, uma vez que os mestres seculares não admitiam que os mestres das Ordens mendicantes, como a franciscana e a dominicana, pudessem lecionar livremente naquela universidade. De fato, a vida religiosa mendicante era vista com muita desconfiança nos primórdios de sua fundação. Entretanto, em 1256, o papa Alexandre IV ordenou que Boaventura fosse “reconhecido oficialmente doutor e mestre da Universidade parisiense. Todavia, ele teve que renunciar a esse cargo prestigioso, porque naquele mesmo ano o Capítulo geral da Ordem o elegeu ministro-geral” (*ibid.*). Permaneceu à frente da Ordem dos Frades Menores por 17 anos, exercendo sua função “com sabedoria e dedicação, visitando as províncias, escrevendo aos irmãos e intervindo por vezes com certa severidade para eliminar abusos” (*ibid.*). Sua influência ultrapassou os confins da Ordem Franciscana e, assim, quando a sede pontifícia estava vacante, ele teve a oportunidade de pregar em Viterbo, chamando a atenção dos cardeais reunidos para o Conclave, os quais o teriam consultado para fazê-lo papa, mas ele, por sua vez, teria indicado Teobaldo Visconti, que por fim foi eleito para a cátedra de São Pedro, assumindo o nome de Gregório X, o qual, por sua vez, nomeou-o cardeal em 28 de maio de 1273.²

O papa Gregório X deu a ele a incumbência de preparar o Segundo Concílio Ecumênico de Lyon, que ocorreu de 18 de maio a 17 de julho de 1274 e que tinha como principal objetivo restabelecer a unidade entre as Igrejas Católicas de Roma e de Constantinopla, a qual, por fim, se concretizou, graças, em grande parte, às intervenções de Boaventura nas sessões conciliares. São Tomás de Aquino também havia sido convocado para participar desse evento tão importante para a vida da Igreja,

² Cf. Tim Noone; R. E. Houser, “Saint Bonaventure”, *The Standford Encyclopedia of Philosophy*, 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/bonaventure/#LifeWork>. Consulta em: 14 jul. 25.

mas infelizmente morreu a caminho da cidade francesa, em 7 de março de 1274. A vida de Boaventura também se concluiu no ano do Concílio de Lyon; no caso dele, em 15 de julho de 1274, apenas dois dias antes da conclusão do Concílio.

O papa Leão XIII, em sua encíclica *Aeterni Patris*, exaltou São Boaventura como um dos dois pilares do pensamento escolástico, ao lado de São Tomás de Aquino. São Boaventura foi elevado à dignidade de doutor da Igreja pelo papa Sisto V, em 1588. Seu legado teológico e espiritual se perpetuou através das diversas obras que ele escreveu. Merecem destaque seu *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo*, como também suas três obras escritas como questões disputadas (método também utilizado por Tomás de Aquino e por outros pensadores escolásticos): *Sobre o conhecimento de Cristo*; *Sobre o mistério da Santíssima Trindade* e *Sobre a perfeição evangélica*. Ele também escreveu uma *Vida de São Francisco*, considerada a mais fiel e digna de confiança. Merece destaque também sua obra de teor místico, o *Itinerário da mente para Deus*.

2) As Conferências sobre os sete dons do Espírito

São Boaventura reflete sobre os dons do Espírito Santo em suas *Collationes de septem donis Spiritus Sancti* (*Conferências sobre os sete dons do Espírito Santo*), tomando como ponto de partida de sua reflexão a consideração sobre a origem dos dons divinos, qual seja, o próprio Pai, por meio do Verbo encarnado, Jesus Cristo, único Mediador entre Deus e os homens. Os dons do Espírito Santo dizem respeito à graça divina, que atua em cada cristão batizado e sem a qual ninguém pode se salvar. Assim, Boaventura considera a graça como “uma dádiva boa e um dom perfeito”, que “vem de cima e desce do Pai dos astros”. E ele se pergunta “por que caminho a graça desce aos homens?”. E a resposta é pontuada por referências à Sagrada Escritura: “a graça descende sobre as mentes racionais pelo Verbo encarnado, pelo

Verbo crucificado e pelo Verbo inspirado. – Prova: Diz-se na epístola de Tiago: ‘Porque quis, ele nos gerou com a mensagem da verdade, para que fôssemos como primícias da criação’. Pelo Verbo encarnado, descende até nós a abundância das graças, da qual se fala no Evangelho de João: ‘De sua plenitude todos recebemos graça sobre graça’”.

A partir da consideração da graça como dom de Deus, São Boaventura se pergunta sobre o uso que se pode fazer dela. E a resposta é que “o uso da graça é direcionado ao nosso progresso; para isso, porém, é necessário que o uso da graça seja fiel com respeito a Deus, viril para consigo e liberal para com o próximo”. Fiel, no sentido de que o homem não pode ter uma vida virtuosa por sua própria iniciativa, decisão e esforço, mas abrindo-se e aderindo à iniciativa e à ação de Deus. Viril, no sentido de que o homem deve aplicar todas as suas capacidades volitivas, racionais e afetivas para corresponder à ação da graça e, portanto, à recepção dos dons que lhe são derramados do Alto. Liberal, no sentido de que o dom não é dado ao homem para que este usufrua dele individualmente, mas para que produza frutos em comunhão com Deus e com os irmãos.

Na segunda Conferência, São Boaventura relaciona os sete dons do Espírito Santo com os sete pecados capitais, as sete bem-aventuranças, as sete invocações do pai-nosso. Esse paralelismo ilustra o intento do doutor franciscano de retratar a experiência de recepção e adesão aos dons do Espírito Santo como a experiência cristã propriamente dita. Nesse sentido, sendo a oração do pai-nosso a oração cristã por excelência, a infusão dos dons do Espírito Santo no coração e na mente do cristão constitui a atuação por excelência da graça na vida do cristão. Portanto, os dons do Espírito são como que mediadores da graça, que chega aos homens exclusivamente por Cristo, o Verbo encarnado.

Nas conferências seguintes, o doutor seráfico elucida cada um dos setes dons do Espírito Santo:

1) Piedade: não se trata apenas de compaixão sentimental, mas de uma íntima familiaridade com Deus como Pai amoroso. Seus efeitos são: gratidão por tudo o que Deus faz; amor por si mesmo como criatura amada; abertura ilimitada à misericórdia divina; rejeição do pecado como resposta ao amor de Deus.

2) Temor de Deus: consiste no reconhecimento de que Deus é insondável e na consciência da fragilidade humana e da possibilidade real de se perder. Quem teme a Deus tem paz e segurança, pois confia n'Ele acima de tudo.

3) Sabedoria: consiste em ver a realidade com os olhos de Cristo, relacionando cada detalhe com o Todo e, assim, vendo em todo acontecimento a ação da Providência divina. Vem do alto, de Cristo, e supera qualquer sabedoria mundana. Seus efeitos são clareza interior, alegria e capacidade de ação orientada pela verdade.

4) Ciência: fruto da união de fé (luz sobrenatural) e razão (luz natural), ambas orientadas por Deus. A razão pode se fechar em si e se tornar tola sem Deus. Assim, a teologia mal direcionada é mais perigosa que a filosofia, pois pode perverter e arruinar outras almas.

5) Entendimento (intelecto): permite penetrar o sentido da Revelação e da Escritura. Seu maior obstáculo é a presunção de quem pensa já saber tudo. A atitude correta para alcançá-lo é submeter a razão à experiência da fé.

6) Fortaleza: ilustrada exemplarmente na Virgem Maria, a qual, revestida do escudo da fé, foi modelo de firme esperança e ardente caridade, tendo suportado sofrimentos e oposições para cumprir o plano divino.

7) Conselho: ajuda a agir bem no concreto da vida. Cristo é o conselheiro supremo, mas Ele inspira carismas históricos e comunitários que ajudam os fiéis a escolher bem, evitando um cristianismo fraco ou genérico.